

**De como os Ethnic Brokers fabricam seus demarcadores históricos e identitários ?**

Joana Bahia<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo analiso matérias escritas nos boletins da Associação Scholem Aleichem, instituição judaica localizada na cidade do Rio de Janeiro, por seus articulistas nos últimos 16 anos. Esta associação foi criada, em 15 de agosto de 1964, permanecendo ativa até os dias hoje, pelas gerações que se identificaram com as lutas políticas e sociais da esquerda nacional e internacional. A referida instituição é produto dos descendentes dos imigrantes progressistas oriundos em grande maioria da Europa Oriental. que criaram a BIBSA, Biblioteca Scholem Aleichem em 1915, na Praça Onze, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Busco rever as implicações dos marcadores de tempo e espaço no material analisado e de que modo os intelectuais do referido grupo, pensados como mediadores (ethnic brokers), os elaboram como demarcadores de construção identitária.

**Palavras-chaves:** identidade étnica, comunidade judaica, cultura política.

**Abstract:** This article analyses the last sixteen years of newspapers articles written by the jewish intellectuals of the Scholem Aleichem Association (ASA), institution located in the city of Rio de Janeiro, Brazil. This institution was created on 15<sup>th</sup> of august of 1964, by the generations of jewish inmigrants which came from Oriental Europe and identified themselves with the political and social fights of the nacional and international left's party. This institution was resulted of BIBSA, the first jewish institution created on 1915, in Praça Onze, Rio de Janeiro. This work studies how these writers, called ethnic brokers, used the notions of time and space in order to elaborate their identity construction.

**Keywords:** ethnic identity, jewish community , political culture.

Neste artigo analiso as matérias do boletim da Associação Scholem Aleichem publicadas entre os anos de 1990 a 2006, localizada atualmente no bairro de Botafogo, cidade do Rio de Janeiro e as entrevistas feitas aos seus ativistas, bem como aos do Instituto Cultural Israelita Brasileiro. Instituição de cultura idish <sup>2</sup>, fundada a partir da Biblioteca Scholem

---

<sup>1</sup>Doutora em Antropologia Social Museu Nacional/PPGAS/UFRJ. Pesquisadora associada ao CEMI (Centro de Migrações Internacionais), departamento de Antropologia da UNICAMP e ao NIEM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios) IPPUR/UFRJ. Professora Adjunta da UERJ.

<sup>2</sup>O termo ídich origina-se de Jüdisch, que quer dizer judaico em alemão. Para Guinsburg (1996), além do hebraico, o ídiche, também chamado de Taytsh, é a língua primordial que define a identidade dos judeus. Muito apropriadamente, ele a define como “uma língua errante” ou uma “língua passaporte”. O ídiche, “dialeto judeu-alemão”, predomina entre os aschkenazi da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o “pale” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a língua dos livros sagrados - aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O ídiche era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em família, a forma de comunicação com os filhos, a língua do cotidiano. A escrita do ídiche se fez com caracteres hebraicos. O autor afirma que o ídiche, mais o hebraico e o aramaico, são a base do “universo cultural construído na esfera de Aschkenaz”.

Aleichem<sup>3</sup>, instituição fundada em 1915\_ deslocada em 1956 da Praça Onze para a Cinelândia\_ por imigrantes judeus originários da Europa Oriental, oriundos de uma imigração pós pogroms ocorridos durante a guerra civil nas regiões do Império Czarista. Muitos vieram por motivação econômica, mas principalmente em decorrência das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, a crescente ascensão do antisemitismo e também em decorrência de suas militâncias nos partidos comunistas e no Bund

Ativistas da esquerda europeia e nacional, fundamental na consolidação de redes de solidariedade e sociabilidade judaica e com forte papel político na sociedade nacional e que em sua maioria eram simpatizantes as causas sociais. Estes lutavam pela preservação de sua língua original (idish) e sua cultura progressista, entretanto buscavam sua integração com o povo brasileiro na luta pela emancipação econômica, política e social

Os articulistas do boletim da ASA possuem uma vasta rede de contatos internacionais, especialmente com as instituições que ainda compõem o ICUF. Em junho de 1935, em Paris, foi realizado o congresso dos escritores antifascistas conclamando os intelectuais de todo mundo contra a luta antifascista. A parcela judaica presente ao evento, deu início a formação do ICUF ou associação cultural judaica. Esta seria responsável pela luta contra o antisemitismo, buscando ampliar a cultura judaica laica progressista visando a uma idéia de "*justiça social e liberdade*". O ICUF possui até os dias de hoje atuação no Brasil (especialmente Rio de Janeiro e São Paulo), Uruguai e Argentina, sendo representado por instituições judaicas com um mesmo perfil de esquerda que a ASA. Em São Paulo, temos o ICIB, fundado em meados da década de 40 <sup>4</sup>. Notícias referentes aos problemas na consolidação do estado de Israel em relação a ordem internacional, discussões acirradas entre os diferentes segmentos da esquerda judaica brasileira e internacional estavam presentes em matérias que tratavam das guerras, conflitos, dos kibutzins e de temas correlatos ao papel do referido estado na ordem internacional.

---

<sup>3</sup>Neste artigo trataremos a Associação Scholem Aleichem pela sigla ASA, a Biblioteca Scholem Aleichem por BIBSA e o Instituto Cultural Israelita Brasileiro por ICIB.

<sup>4</sup>Os boletins da ASA escritos até os dias de hoje são parte de um legado de uma imprensa que abrange jornais como *Unzer Sthime* (nossa voz) e *O reflexo*, ambos produzidos pelos articulistas do ICIB e da ASA, respectivamente entre 1940 e 1964 e entre 1947 e 1956. Também constituem parte deste legado a troca de informações entre esta imprensa e aquela produzida no ICUF Argentina e Uruguai. O primeiro era escrito em idish, possuindo apenas um pequeno resumo em português que não abrange o forte legado político discutido nas matérias escritas em idish. O *Jornal O reflexo* publicado entre os anos de 1947 e 1956, tendo como diretor Abrão Burkinsky, redator chefe Israel Febrot. Seus articulistas optam pela escrita do periódico em português.

Para os ativistas, não era apenas uma forma de reavivar a língua, mas de se contraporem ao segmento sionista da comunidade, digamos “*mais a direita*”, que desvalorizava o idish como língua morta, reafirmando a necessidade de se aprender o hebraico, a língua do futuro, a língua de Israel. Este segmento era representado pelo jornal *Aonde vamos ?* publicado por Aron Neumann na cidade do Rio de Janeiro e apoiado pelo empresariado local. Não apenas se contrapunha ao setor sionista, mas também tinham como interlocutores as idéias do Hashomer e do Dror.

Parte desta herança constituirá os temas, os problemas e as questões que conduzirão o boletim da ASA, especialmente a expressiva quantidade de reflexões que promovem sobre a sua própria identidade.

Neste trabalho, verificamos os modos de construção da identidade judaica destes ativistas diante da urgência dos conflitos políticos e destaco os seguintes fatos: as guerras, a luta contra o antisemitismo que constituiu parte do universo das histórias dos próprios ativistas, ao processo histórico de construção do Estado de Israel, ao impacto do relatório Krushev, o aprofundamento da Guerra Fria e do movimento sionista.

Cabe ainda ressaltar de que modo a constituição de segmentos e atividades (programação cultural e política) relacionadas ao funcionamento do ICUF são rememorados não são apenas como memórias de sua história institucional, mas como modo de demarcação de sua especificidade identitária diferenciada em relação aos demais segmentos da comunidade judaica.

Não apenas temos fronteiras lingüísticas (idischistas x hebraístas), nacionais (poloneses, russos, alemães etc.), mas fronteiras políticas (críticos ao sionismo x sionistas). Lembrar o papel de suas atividades, programações, fatos históricos e personagens da comunidade são modos de construção de uma identidade, especialmente atribuindo a eventos históricos um grau de complexidade que vai além do evento históricos em si mesmo e o redimensiona com novos significados. Estes mostram não apenas a construção da identidade judaica em relação aos não judeus, mas especialmente marcando a existência de um grupo diferenciado internamente, isto é a expressão de uma comunidade extremamente complexa e altamente diversificada.

Em vários boletins temos depoimentos sobre a importância do colégio, do grupo teatral, da biblioteca, do falar o idish e de ser acima de tudo um progressista, um judeu assimilado, brasileiro que não se identifica com judeus que se preocupam com Israel, mas que vêem a possibilidade de pensar os ideais libertários no Brasil, herança das histórias familiares na Europa Oriental. Neste sentido, o papel de suas instituições (bibliotecas, colégios, grupos

teatrais etc..) e seu relacionamento com as demais associações do ICUF lhe permitem pensar o ser judeu no Brasil.

A comparação feita, em muitos casos com forte dimensão afetiva, de suas escolas (colégio Scholem Aleichem), clubes (I Peretz) a importância dos shtetls (aldeias)\_ forma de vida comunitária na Europa Oriental\_ como consolidação de um modo de ser e agir judaico. Muitas vezes viver nestas atividades e instituições não estão dissociadas da própria vivência dos fatos históricos e muitos relatos memorialistas acentuam esta dimensão de partícipes de uma história simultaneamente nacional e internacional.

Marcando uma contraditória vocação para a diáspora, isto é ao mesmo tempo que revivem todo um modo de ser da cultura judaica oriental, diaspórica se vêem como judeus brasileiros, assimilados a uma sociedade da qual contribuíram com seu ethos do trabalho e com a formação de uma intelectualidade cultural e política.

Muitas matérias tratam do levante do Gueto de Varsóvia, parte integrante da programação de todo o ICUF, sempre presente nos meses de abril. Este relembram não apenas o fato histórico, mas o associam ao Pessach, pois a noite de 19 de abril de 1943 no gueto era uma noite de páscoa. Ambos ganham um sentido de libertação e são vivamente comemorados na programação de todo o ICUF.

Lembramos que Glazer e Moynihan (1975) ressaltam o uso de aspectos étnicos como fundamentais para obtenção ou defesa de objetivos políticos comuns. Ambos os autores mostram que etnicidade não é apenas um instrumento para se lutar pelos interesses, mas sua efetividade está no fato de que além de ser um instrumento eficaz para isso, ela também combina/mobiliza laços afetivos.

Neste sentido, tratar da importância de instituições que ressaltavam uma escrita e cultura idish enfatiza o forte caráter político que esta possuía em seu contexto original e o modo em que este é apropriado pelos imigrantes e seus descendentes no contexto brasileiro. Cultura e política são palavras pensadas e vividas como indissociáveis por estes ativistas, tanto em suas entrevistas quanto nos seus escritos sobre a história que refazem de seu próprio grupo.

Não obstante a importância do idish para a cultura e vivência política judaica da Europa Oriental, Sendacz (2005:21) nos lembra que idish era uma língua desprezada pelo movimento sionista, acusando-o de ser a língua do exílio (galut) que simbolizava a imagem de um judeu “*medroso e fraco*”, ou seja, o idish expressava a mentalidade da diáspora.

Não apenas as memórias do cotidiano das instituições, mas de fatos como o fim da segunda guerra, o impacto do antisemitismo e sobre as guerras em Israel estão presentes não

somente como fatos históricos, mas como verdadeiros demarcadores étnicos. A memória da guerra estava presente através da vivência da dor pelos parentes mais próximos e pelo cotidiano do antisemitismo que tanto marcou a vida daqueles que imigraram nas primeiras décadas do século XX da Europa Oriental quanto daqueles que permaneceram na Europa no período da segunda guerra.

As recordações do Holocausto e da guerra se apresentaram para vários judeus como um marco de sua identidade étnica. As experiências de se sentirem judeus não apenas se evidenciou de modo claro na vivência do ambiente antisemita da segunda guerra, mas também quando comparamos este sentimento à situação atual dos palestinos no estado de Israel.

Neste sentido, a etnicidade é mobilizada como recurso e também como instrumento político (Jenkins,1997). Recurso para se pensar sua condição étnica, repensando esta em relação aos contextos históricos distintos (segunda guerra mundial e a situação árabe-israelense), porém sempre de modo contrastivo, relacional (judeus x alemães, judeus x palestinos), sendo definida num sentido político.

O mesmo sentimento identitário ganha consciência por partes de muitos que o percebem nos momentos de crise, especialmente nos momentos da guerra árabe israelense, em que se vêem não somente diante do outro (não judeu), mas diante de outros segmentos da comunidade judaica, em sua grande parte sionistas de direita, pró Israel e favoráveis às políticas existentes no estado. São nestes momentos que se acirram as diferenças internas e os posicionamentos étnicos mais afloram.

Em momentos históricos distintos, a questão política marcou as fronteiras externas, mas principalmente as fronteiras internas da comunidade judaica: a guerra árabe israelense e os impactos da guerra em 1982, especialmente diante dos massacres de Sabra e Chatila .

Em ambas, os judeus progressistas serão acusados de antisemitas por não se identificarem aos destinos políticos de Israel na negociação com os palestinos. Estes acionam sua concepção de liberdade herdada da tradição judaica oriental trazida por seus descendentes em contraposição ao jogo acusatório de serem antisemitas por serem contrários a Israel. Ativistas do movimento Paz Agora mostram como o movimento (1972) surgiu em meio à insatisfação com as posições políticas de Israel, mas especialmente do desagrado diante das posições de certos setores da comunidade judaica e da mídia não judaica.

Conforme vimos, ativistas mostram não apenas o mesmo sentimento de desconforto diante da situação dos palestinos, mas do desconforto causado pela interação com não judeus. Muitos acionam uma identidade que ainda lhes era desconhecida exatamente no auge do

momento de conflito político histórico, externo, isto é com não judeus, mas especialmente interno, consigo mesmo e com aqueles dos demais segmentos de sua própria comunidade. Max Altman afirmou que *“a discriminação nestes casos é mais anticomunista que antisemita e, pior, partindo de lideranças da comunidade que reiteradamente afirmam sua identidade judaica(BOLETIM DA ASA:2005)”* .

Temos novamente numa situação de crise, os momentos de maior tensão e divisão interna vivido pela comunidade judaica e que para muitos conduziu ao isolamento político desta parcela do judaísmo: a criação do estado de Israel e seus desdobramentos geopolíticos, impacto do relatório Krushev e posteriormente a guerra dos seis dias.

Os ativistas da ASA e do ICIB também tinham como espelho para a construção de sua identidade os demais movimentos juvenis judaicos que competiam entre si na busca de novos adeptos. Suas diferenças ideológicas e políticas eram acentuadas publicamente, com discussões verbais e escritas acaloradas. O Dror divergia do Hashomer Hatzair - outro movimento juvenil, ligado ao partido israelense Mapam (Partido Obreiro Unido) - por este ser favorável a um Estado binacional árabe e judeu, socialista e politicamente ligado à União Soviética. O Dror era contra qualquer idéia de ligar-se ao bloco comunista, ou mesmo de tomar partido para qualquer dos blocos antagônicos (EUA e URSS) durante a guerra fria.

Não obstante o Hashomer ser mais próximo dos ativistas da ASA e do ICIB por causa dos ideais socialistas, estes discordavam sobre os desdobramentos da política de Israel, especialmente temos estas críticas nas matérias sobre os kibutzins produzidas pelo Jornal Nossa Voz e O Reflexo. Os partidários do Hashomer concordavam de que os ideais socialistas deveriam ser implantados em Israel, portanto para os ativistas do era fundamental transmitir uma educação judaica e a luta contra a assimilação nas diversas comunidades da diáspora. Elementos que distanciavam seus ativistas dos propósitos daqueles pertencentes ao ICUF (ASA, ICIB). Um dos fatos que posteriormente gerou divisão \_criação do estado de Israel\_ em alguns momentos uniu diferentes segmentos, especialmente logo após as conseqüências da segunda guerra (nazifacismo) para as populações judaicas.

Com as mudanças geopolíticas na condução do estado de Israel e o início da Guerra Fria, novamente as cisões internas a comunidade se tornam mais acirradas e suas diferenças são novamente acionadas de modo contundente.

Outro momento de junção entre diferentes setores da comunidade judaica ocorre em 1945, logo após o fim da guerra, a derrota do nazifacismo, por ocasião da tentativa (frustrada) de criação de uma Federação da Juventude Progressista Judio Brasileira composta por

segmentos que atuavam no cenário carioca, entretanto não possuíam entre si nenhuma ligação orgânica e representavam grupos judaicos diferenciados:

Cabe ressaltar que tanto nas matérias sobre a história de suas instituições, quanto sobre judaísmo progressista, enfim em quase todas aparece a identidade de comunistas. Partícipes da construção política do partido comunista no Brasil sob a idéia de redenção e liberdade, como valores morais transmitidos pela cultura idish presente na literatura e na luta política contra o antisemitismo e pela atuação de seus descendentes no Bund, importante organização de judeus comunistas russos que participaram da revolução comunista de 1917.

Temos em poucas matérias reconhecimento de segmentos não judaicos a contribuição da participação dos judeus progressistas na construção da história partidária nacional. Apesar da criação do setor judaico do partido comunista (desde os anos 40) mobilizar os militantes judeus e para a proteção contra a perseguição antisemita no país, este não deixava de ter sido uma forma de segregação e caracterização de um setor particular no interior de um movimento que se afirmava como universal e internacional. Talvez por isso muitos militantes tenham preferido manter sua identidade étnica de modo quase clandestino, pois tinham sublimado sua identidade em troca da militância política.

Não obstante a colaboração de vários ativistas na programação da ASA, nas publicações sobre o partido comunista a presença do setor judaico aparece em poucas páginas (AQUINO:2002; PANDOLFI: 1995; CARONE: 1982; CHILCOTE:1982; FINZI:1982).

## **Conclusão**

A cultura é a forma mais usual de identificação étnica dos entrevistados, porém esta se define como sendo libertária, assimiladora e política. Uma cultura forjada numa educação sentimental para a formação de conceitos e gostos. De acordo com Barth (2000:32 e 33), a fronteira étnica se forma com a eleição de símbolos que controem a identidade, estes são de dois tipos: formas de moralidade (valores que orientam seus comportamentos) e os sinais diacríticos (signos manifestados como, por exemplo, nas roupas, na lingua etc..).

As condições sociais em que criaram suas instituições de ensino, suas bibliotecas, clubes, colônias de férias, círculos de leitura e imprensa são reflexos de sua cultura, ou seja, da definição de uma identidade étnica como um tipo cultural. A leitura de livros, o gosto por uma busca original se descrevem como opções realizadas desde a infância. A distinção de

gosto é também uma forma de diferenciação entre os imigrantes judeus e os outros de distintas origens.

A ideia de uma prática política e intelectual apresentam novos sentidos para a herança familiar e também para sua própria identidade, jogando também com seus símbolos étnicos. Neste sentido, o político é aquele que propõe novas articulações de sentido, inclusive para referências antigas e desgastadas, afirmando a importância de uma cultura política como um sinal diacrítico, sinalizador de uma “*certa identidade judaica*”.

Muitas declarações mostram como foi o início de suas famílias no novo país e a construção de suas instituições com grande ajuda de todo o coletivo. Estas põem em evidência como se realiza a expressão de sua identidade étnica no interior de um espaço físico (institucional) e o uso de valores com sentido de coletividade, origem e história em comum, o uso do idish (em contraposição ao hebraico), a difusão de suas atividades culturais como símbolos diacríticos de sua fronteira étnica (BARTH:2000). Conforme vimos, o uso de seus símbolos e valores são acionados para demarcar sua identidade, mas especialmente para demarcar as diferenças internas a própria comunidade judaica.

Donos de uma cultura política, advindas das experiências políticas herdadas de seus pais, mães e avôs que haviam lutado por melhores condições de vida na sua terra de origem e que traziam toda essa vivência na luta por melhores dias na nova terra. Muitos tinham vindo para o Brasil por motivo de perseguições políticas e por sofrerem diretamente o antisemitismo na Europa. As declarações dos ativistas mostram o entrecruzamento da história em seu sentido mais amplo e as suas vidas privadas presentes nos momentos de participação política de seus pais e em suas trajetórias familiares na Europa e no Brasil. Muitos contribuíram para a inserção política de seus filhos, participaram de seus exílios, refúgios e de ações que arriscaram suas vidas no período da ditadura militar.

Neste sentido, os grupos étnicos possuem uma complexidade tão dinâmica que acompanha os sentidos que reinterpreta os fatos históricos e mostra em que medida estes contribuem para que acionem suas diferentes identidades.

Cabe lembrar o papel dos jornais Nossa Voz e O Reflexo na expressão da não homogeneidade deste grupo étnico e de que modo a ASA herda a problemática de construção de uma identidade progressista que nem de longe é única.

## **Fontes**

Entrevistas concedidas pelos ativistas da ASA e do ICIB

Boletim da ASA ano 1990/2006



## **Bibliografia**

**AQUINO**, Rubim S.L et alli. **PCB 80 anos de luta**. Rio de Janeiro, Fundação Dinarco Reis, 2002.

**ALMEIDA**, Francisco Inácio de (organização). **O ultimo secretário\_ a luta de Salomão Malina**. Fundação Astrojildo Pereira, FAP, 2002.

**BARTH**, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras In **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro, Contracapa editora,2000.

**CARONE**, Edgar. **O PCB**. (Vol 1: 1922- 1943; vol 2 : 1943-1964). São Paulo, Difel, 1982. 3 vol.

**CHILCOTE**. R. **O partido comunista brasileiro**. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

**CLEMESHA**, Arlene. **Marxismo e judaísmo. História de uma relação difícil**. São Paulo, Boitempo editorial, 1998.

**FINZI**, Roberto. Uma anomalia nacional: a questão judaica In **HOBBSAWM**, Eric. (org.) **História do Marxismo**. Trad. Carlos Nelson Coutinho et alii. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.

**FEBROT**, Luiz Izrael “Elegia Saudosa para Unzer Shtime- Nossa Voz” In: **Asa – Judaísmo e Progressismo** Ano VI; nº 35 maio/junho 1995.

**GLAZER**, Nathan e **MOYNIHAN**, Daniel P.**Ethnicity Theory and Experience**. Harvard University Press, Cambridge Massachussetts, and London England, 1975.

**GUINSBURG**,Jacob. **Aventuras de uma língua errante**. SP: Ed. Perspectiva, 1996.

**GOLDBERG**, Luiz Mendel - “Nossa Voz - Unzer Shtime (1947-1964); In: **Asa – Judaísmo e Progressismo** Ano VI; nº 35 maio/junho 1995.

**GUINSBURG**,Jacob.

**IOKOI**, Zilda Márcia Gricoli. **Intolerância e resistência: a saga dos judeus entre a Polônia, a Palestina e o Brasil.1930/1945**. São Paulo, Editorial Humanitas,2004.

**JENKINS**, Richard. **Rethinking Ethnicity. Arguments and explorations**. Londres: Sage Publications, 1997.

**OKAMURA**, Jonathan. Situational ethnicity. **Ethnic and Racial Studies**. Londres: v. 4, n. 4, out. 1981.

**KINOSHITA**, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais In **Revista Universum**. Universidade de Talca, 2000. n. 15.

**KUPERMANN**, Ester. ASA - Gênese e trajetória da esquerda judaica não sionista carioca In **Revista Espaço Acadêmico**, número 28, setembro de 2003.

**LÖWY**, Michael. **Redenção e Utopia: O judaísmo libertário na Europa Central**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

**PANDOLFI**, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros: memória e história do PCB**. Rio de Janeiro, Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

**PERALVA**, Osvaldo. **O Retrato**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1960.

**POLLACK**, Michael. Memória e Identidade Social In **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol.5, n.10, 1992, p.200-215.

**SCHNEIDER**, Abraham Josef - "Histórias da Bibsa 4" - In: **Asa - Judaísmo e Progressismo** Ano IX; nº 53; julho/agosto 1998.

**SENDACZ**, José. **Um homem do mundo**. São Paulo; Ed do Autor, 2005.

**MALINA**, SALOMÃO. **Entrevista concedida a Juca Kfour** na Rede TV no dia 31 de maio de 2002.